

Forçoso é confessar que, apesar da velha reacção philologica, os gallicismos vão sendo adoptados na lingua escripta e em grande numero já subsistem na lingua vulgar.

O gallicismo é, além disto, um facto justificavel. A renovação litteraria do seculo XV teve por base a imitação da *arte classica* antiga: os latinismos foram as mais notaveis consequencias dessa phase e escola litteraria. Os nossos classicos latinisaram a lingua de tal fórma que um seculo foi apenas o sufficiente para que o portuguez se diferenciasse da lingua antiga e se tornasse uma lingua inteiramente nova.

A renovação litteraria e scientifica do seculo XIX deveria igualmente produzir analogos resultados. No seculo actual, o movimento *romantico*, opposto ao classico, veio da França, ao menos para as populações do sul da Europa.

E' a França a mãe dos modelos em letras e em sciencias para os paizes secundarios que não têm movimento litterario original.

E' faci vêr pois que o *gallicismo* é no seculo XIX o resultado da educação do povo pelo espirito francez: do mesmo modo que o *latinismo* foi a educação dos espiritos no seculo XV e XVI, pela litteratura latina.

Não é aceitavel a razão de que a lingua se acha constituída; o character mesmo de todas as linguas é ser um superorganismo em progresso ou em decadencia, e sempre em movimento.

Outra razão que alguns philologos oppõem contra o gallicismo é que muitos delles são escusados e inúteis.

Que utilidade houve, no seculo XV, para substituir o vernaculo *segre* pelo latinismo *seculo*? o vernaculo *cheio* por *pleno*?

Cacophenia é um vicio resultante do encontro de vocabulos que no conjuncto se prestam á formação de um termo inconveniente:

Alma minha,
Tu as não viste.

Todo o som desagradavel é *cacophonico*.

● **echo** resulta da repetição das mesmas syllabas:

Estado supportado com cuidado, etc.

A colisão resulta da repetição das letras surdas *rr* e *ss* :

*O rato roeu a roupa.
Cita-se o seu signal.*

● **hiato** resulta da successão de vogaes que formam syllabas distinctas :

Foi o aio á aula . . .

LIÇÃO XLIV

Das anomalias grammaticaes ; idiotismos ; dialectos ; provincialismos ; brazileirismos

Anomalias são os factos que se não subordinam ás regras e leis da grammatica.

Idiotismos são os factos peculiares a um unico idioma.

As *anomalias* são communs a varias linguas : o *idiotismo*, porém, representa uma particularidade original e unica.

I. — ANOMALIAS

Muitas vezes um vocabulo, por interferencia de outro, perde a fórma primitiva e toma fórma igual ao do seu interferente. A palavra *valverde* que parece composta dos elementos *val* e *verde*, não é mais do que a fórma italiana *belvedere* (bella-vista) corrompida pela analogia formal ou morphica, que existe entre *bel* (bello) e o portuguez *val* ; e entre *vedere* (vêr) e o adjectivo *verde*. A fórmula *valverde* é, pois, uma anomalia. (1)

O vocabulo tupy *tatapóra* (fogagem) foi assimilado a *catapóra*, pela analogia dos nomes de molestia gregos, que principiam por *cata* : *catalepsia*, *caturrho*, etc. (2)

(1) O illustrado Sr. Dr. Macedo Soares opina differentemente ; a sua opinião é assáz razoavel. Consigno-a aqui mesmo « *Valverde* vem do inglez *walwort*, herua de parede. *Valverde* é a parietaria que os inglezes chamam mesmo *walwort* ; o adjectivo *verde* é um caso de inter-currencia popular »

Ainda assim, com esta etymologia, o exemplo serve para o caso.

(2) Communicado pelo Dr. Macedo Soares.

Os vocabulos *Stabat mater* são traduzidos pelo vulgo pelo nome *Estevão de Matos*; também *libera me* por *libra e meia*, etc.

As anomalias phonicas explicam-se pela influencia das linguas extranhas.

Assim o grupo *pl* sempre apparece no portuguez com as fórmãs *pr* ou *ch*: cumprir (*cumplere*) encher (*implere*),

No emtanto existe a permuta de *pl* em *lh*: *lhano* (*de planus*); esta anomalia foi produzida por intrusão deste vocabulo que é castelhano e não vernaculo. O mesmo grupo deu a permuta de *pl=pi*, como se vê em *piano* (*de planus*); esta anomalia deriva de que o termo *piano* não é vernaculo, veio do italiano,

Outra especie de *anomalia phonica* consiste na permuta de letras heterorganicas: por exemplo, a lingual *l* pela dental *d*: *leixar* (*laxare*) que se transformou em *deixar*.

Nota-se a *anomalia syntactica* na construcção do verbo *haver*, a qual de ordinario se faz com um sujeito elliptico: *ha* homens; *houve* discursos. E é que se vae dando entre o povo, com o verbo *ter*.

E' um phenomeno analogo ao das linguas que só têm uma expressão para os verbos *ser* e *estar*. Para o povo o verbo *haver* significa existir; mas ainda assim fica de pé a syntaxe etymologica: *houve* homens e não *houveram* homens.

A anomalia póde ser apenas do dominio da semantica. A palavra *brusco* (escuro) vae em portuguez adquirindo o sentido de *violento*, *rapido*, por influencia do francez *brusque*. Outras muitas resentem-se de influencia identica.

II. — IDIOTISMOS

Idiotismos são os factos grammaticaes que se observam exclusivamente em uma lingua.

Phonetica.—Na phonologia vernacula observamos a existencia de um som que não existe nas linguas romanas e é de exclusiva posse do portuguez : é o diphthongo *ão* com as fórmulas similares *ães, ões, ãos*. Estes phonemas são de prosodia difficilima para os estrangeiros.

Morphologia.—O infinito pessoal é um idiotismo do portuguez : nenhuma lingua romana o possui.

Amar eu.
Amares tu, etc.

A lingua gallega tambem possui a flexão do infinito ; mas o gallego não é uma lingua independente, é um dialecto do portuguez.

Outra flexão que póde ser considerada como idiotismo é a que pretendi denominar *flexão hominal*. É a flexão *em* que apparece nos vocabulos : *ninguém, alguém, quem*. Existe, em menor gráo, no castelhano : por isso, a denominação de idiotismo é contestavel.

Syntaxe.—Um idiotismo característico é o uso do artigo definito antes do possessivo (adjectivo) :

O meu chapéo.
Os nossos dias.

No castelhano antigo e no de Cervantes encontra-se este uso, que ainda hoje é esporadico, e está quasi totalmente obliterado. Tambem se nota no italiano.

Em sentido mais lato são considerados *idiotismos* os modos de expressão peculiares á lingua e pouco resoluveis pela analyse : *de vez em quando ; Com que então dormiu bem ? Quem lhe dóe o dente vae á casa do barbeiro. Deu ás de Villa Diogo, etc.*

Pódem ser obviamente classificados como *idiotismos lexicos* todos os vocabulos originarios formados na lingua : *vinte-quatria, Lusíadas, etc.*

III.—DIALECTOS

Dialectos do portuguez são os modos de falar ou escrever a lingua portugueza nas diversas regiões onde foi ella implantada.

Lingua portugueza, no sentido restricto da expressão, é a lingua falada e escripta na região européa conhecida sob o nome de Portugal.

Os dialectos mais notaveis do portuguez são os seguintes :

1. **o gallego.**—Representa actualmente uma evolução lenta do portuguez antigo. Este, no seculo XII confundia-se com o gallego. Pela conquista do sul da península, e pela independencia politica do povo, o portuguez foi cada vez mais se diferenciando do gallego, ao ponto de tornar-se uma lingua culta e altamente litteraria.

2. **o indo-portuguez.**—Começou pelos fins do seculo XV, com a colonia dos portuguezes na India. E' falado hoje em Ceylão e nas costas occidentaes da India. Está misturado de termos indigenas (linguas indicas e *concani*) e de grande numero de termos flamengos, introduzidos pelos conquistadores hollandezes. Actualmente, está em decadencia e será, em breve, suplantado pelo inglez.

Ha ainda pelo littoral da Asia varios dialectos do portuguez.

3. **o africo.**—Compõe-se de muitas variedades dialectaes, produzidas pelas linguas dos ilhéos e dos continentaes africanos.

4. **o dialecto brasileiro.**—O impropriamente chamado dialecto é constituído pela linguagem portugueza falada no Brazil. Distingue-se por diferenças notaveis de prosodia e de syntaxe, por um vocabulario novo de termos tupis-guaranis e africanos. A reacção litteraria de dous seculos nunca pôde obstar nem diminuir a dialectação do portuguez no Brazil.

IV.—PROVINCIALISMOS

Os provincialismos constituem modos de falar ou corruptelas peculiares a uma zona limitada e secundaria de uma nação.

Em Portugal, notam-se os *provincialismos* da Beira; o tratamento por *vós*; a pronuncia etymologica do *x* — *ch* = *tx* em *txapéu* (chapéu) *txave* (chave).

Em muitos lugares, nota-se o recurso de intercalação phonica para evitar o hiato: *a-i-agua*; *a-i-alma* = *a* agua; *a* alma.

Notam-se especialmente no norte as permutas *b* = *v*; *v* = *b*: *voi* = *boi*, *binho* = *vinho*; *berde* = *verde*.

Nota-se ainda o provincialismo de Lisboa e Extremadura, indicado pela metathese do *r*: *fromoso* = *formoso*; *prefeição* = *perfeição*, etc.

No Brazil, existem os provincialismos do sul, caracterizados por muitos termos hespanhóes da fronteira: *de uma bolada* (de uma vez); *manotaço* (couce da mão do quadrupede).

Existem os provincialismos do Rio, S. Paulo, Minas: para *mim* vêr, etc. São características a prosodia de S. Paulo pela acuidade das vogaes (*dé tarde*, *dépréssa*) e a do Pará, pela gravidade de tons (*cuco* = *côco*; *môda mudo* = *modo*).

V.—BRAZILEIRISMOS

Os brazileirismos são *lexicos* ou *syntacticos*. Os brazileirismos *lexicos* abrangem os vocabulos de origem tupi e africana, empregados pelo povo brasileiro.

Exemplos de vocabulos *tupis* :

<i>Tapéra</i>	— aldeia em ruina.
<i>Itan</i>	— concha.
<i>Capoeira</i>	— matto novo.
<i>Quéra</i>	— valente.
<i>Canhembora</i>	— fujão. (M. Soares).
<i>Caipora</i>	— ser phantastico.
<i>Pucuman</i>	— fuligem.

Exemplos de vocabulos africanos :

<i>Malungo</i>	— companheiro.
<i>Catunga</i>	— rato pequeno.
<i>Candongas</i>	— mentira.
<i>Mataco</i>	— nadegas.
<i>Vatapá</i>	— eguaria.
<i>Quibebe</i>	— idem.
<i>Quilombola</i>	— negro fugido. (M. Soares).

Os *brazileirismos lexicos* também podem ser constituídos pela prosodia especial do Brazil : *assembléa* por *assembléa* ; *idéa* por *idéa* ; *homem* por *hó-mem* ; *góstar* por *gustar* ; *jórnalismo* por *jurnalismo* ; *tem* por *tain*.

São ainda *brazileirismos* as palavras portuguezas que são usadas apenas no Brazil e as formações *mestiças*, derivadas do portuguez :

<i>Teméro</i>	— temerario.
<i>Portúga</i>	— portuguez.
<i>Disgra</i>	— desgraça.
<i>Dispamparar</i>	— disparar.
<i>Fama</i> (adj.)	— famoso.
<i>Famanaz</i>	— mui famoso.
<i>Azular</i>	— fugir correndo.

Os *brazileirismos syntacticos* consistem em construcções divergentes do cunho vernaculo.

Taes são :

1. O emprego do pronome *lhe*, como objectivo :

Amo-*lhe* (Norte)
= Amo-*o*.

2. O emprego do pronome *elle*, como objectivo :

Vi *elle*.
= Vi-*o*.

4. A anteposição indebita dos pronomes-complementos :

Me disse (disse-me).
Te chamou (chamou-te).

5. A regencia *para mim*, *para ti*, antes do infinito :

Para *mim* vêr (Sul).
= Para eu vêr.

6. A preferencia das construcções :

Estou com fome.
Estou com sede.
Estou com febre.

Em vez de outras, de melhor uso vernaculo :

Tenho fome.
Tenho sede.
Tenho febre.

7. O emprego da preposição *em* por *a* :

Chegou *na* janella
= Chegou *á* janella.
Vá *na* loja.
= Vá *á* loja.

Existem outras muitas divergencias syntacticas, em grande parte locaes, como o tratamento por *vós* em diversos lugares do sul, o uso de diminutivos verbaes *estousinho* de *estou*, muito communs em provincias do Norte.

A dialectação que soffreu a lingua portugueza no Brazil foi devida a um grande numero de factores elementares. As novas necessidades da vida colonial, as condições climatericas e topographicas, as relações constantes com os povos originarios indios e com os africanos, que desde cedo foram introduzidos no paiz, deram em resultado uma alteração muito notavel na lingua. A estes factores juntem-se outros elementos esporadicos, como o povoamento das fronteiras por povos castelhanos, a disseminação dos ciganos expulsos de Portugal, e ter-se-ha o esboço bem claro de todas as influencias que poderia soffrer qualquer lingua.

O *elemento tupi* dominou nos appellidos locaes, nos nomes de seres da natureza americana e de factos desconhecidos dos europeus.

O *elemento africano* forneceu o vocabulario da vida domestica, das cozinhas e dos trabalhos agricolas.

« Tambem se encontra em denominações geographicas : *Cubango, Quitunde, Calembé, Quissaman.* » (M. Soares)

Todos os factores citados crearam na lingua portugueza aptidões novas para derivar termos, e construir sentenças, modificaram a prosodia e deste modo constituem um dialecto *mestiço*, resultante de origens tão complexas. Vide no *Diccionario grammatical* do auctor os artigos *brazileirismo, negro (elemento) tupiguarani* etc.

Das causas que favorecem a dialectação do portuguez na America, duas tendem a aniquilar-se, e são o elemento tupi e o africano, que vão desapparecendo pela extincção da immigração negra e pelo caldeamento das raças. A estas tendencias de dissolução se deve juntar a reacção culta e litteraria que procura approximar a linguagem das fontes vernaculas e classicas.

Em compensação, a immigração de outros povos estrangeiros torna-se cada vez mais intensa sobretudo nas provincias do sul, onde já são familiares muitos vocabulos do italiano e do allemão. A mais facil previsão autorisa crêr, que dentro de um seculo, o sul do Brazil destruirá a unidade ethnica da patria brazileira, se outras circumstancias não se oppozerem á evolução que já se vai notando desde agora.

LIÇÃO XLV

Alterações lexicas e syntacticas. Archaismos e neologismos

E' uma verdade inconcussa que a lingua se transforma no correr dos tempos e as alterações de que ella é susceptivel, ora referem-se ao vocabulo (alterações *lexicas*), ora referem-se á phrase (alterações *syntacticas*.)

Alterações *lexicas* ou do vocabulo notam-se de duas especies :

1. **Alterações phonicas.**—São as que modificam os sons do vocabulo. Taes são as fórmas dialectaes e os plebeismos : *coresma* por *quaresma* ; *anteado* por *enteado* ; *bespi* por *vespa*, etc.

Estes plebeismos e estas fórmas dialecticas representam frequentemente o typo etymologico, como *anteado* (*ante-natus*), etc.

2. **Alterações morphicas.**—Estas alterações são produzidas por diversas causas.

Pela derivação : *pequeno* de *péco*. Por analogia verdadeira ou falsa : *jazi* em vez de *jouve* ; *impeço* em vez de *impido*

Nesta classe ficam incluídas as fórmas anômalas produzidas pela influencia de um radical extemporaneo : *hospital*, transformado em *espiritual* por influencia do vocabulo *espirito*.

As alterações syntacticas referem-se especialmente á phrase.

Basta comparar diversos trechos e diversos periodos da lingua para se concluir quam diversas são as construcções, a syntaxe de differentes épocas.

Notamos alterações de ordem :

Se lhe elle desse (l. antiga)
Se elle lhe desse (l. moderna)

Notamos alterações de regencia :

Começou dizer (l. antiga)
Começou de dizer } (l. moderna)
Começou a dizer }

Muito principalmente, porém, notamos na evolução da lingua duas forças oppostas que mantêm o equilibrio da vida que lhe é propria : a tendencia do *archaismo* e a do *neologismo*.

Archaismo é todo o vocabulo que existiu e desapareceu da lingua.

Neologismo é o vocabulo creado ou importado de linguas extranhas na lingua já constituida.

I.—ARCHAISMOS

Os *archaismos* em uma lingua são tanto mais numerosos, quanto esta tem tido maior tempo de vida e soffrido maiores vicissitudes.

Os *archaismos* são nomes de cousas que já não existem ou que foram substituidas por outras ; representam as necessidades de civilisações que já dominaram (*arabe*, *gothica*, no portuguez) e que desapareceram.

Exemplos de archaismos :

Substantivos e adjectivos. — *Hostes*, inimigos; *heréo*, herdeiro; *incréo*, incredulo; *communhal*, comum; *lidimo*, legitimo; *ucha*, arca; *infançon*, moço fidalgo; *avença*, concordia; *fuzenda*, negocio ou sentimento; *manceba*, mulher joven; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *priments*, primeiramente; *visinidade*, visinhança; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, seculo; *malo*, mau.

Entre esses archaismos convém notar os participios em *udo*; *recebudo*, *estabelecudo* da 2ª conjugação. Destes participios ha dous vestigios ainda usados: *teudo e manteudo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido.)

Notem-se os archaismos resultantes da incerteza de suffixos na derivação: *soffrença* e *soffrimento*; *livridõe* e *liberdade*. Ainda possuímos *nascença* e *nascimento* que não se archaisaram.

O archaismo *avença* (concordia) deixou um vestigio em *desavença*. O archaismo *heréo* ocorre na expressão: *terra d'heréo*. *Ucha* sobrevive em *ucharia*, etc. *Malo* sobrevive na expressão: *Pedro das Malas-artes*.

Verbos. — *Geitar*, lançar; *britar*, quebrar; *endurentar*, endurecer, soffrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, eucher; *comprir*, encher; *chantar*, plantar; *catar*, olhar; *trebelhar*, briucar, etc.

Entre estes archaismos, notemos algumas fórmas verbaes, como: *andades*, *recebedes* por *andais*, *recebeis* e do que temos vestigios nos verbos *lêdes*, *tendes*, *vindes*, etc. As fórmas do subjunctivo *mettir*, por *metter*; nota-se a igual flexão no futuro *vir de ver*.

Notemos que alguns verbos deixaram vestigios. *Jeitar* (fr. *jeter*) nota-se nos compostos *rejeitar*, *deitar sujeitar*. — *Catar*, observa-se em *cata-cêgo*, *cata-vento*. — *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*, etc.

Particulas. — *Adur*, apenas; *assuso*, acima; *ajuso*, abaixo; *acususo* e *acajuso*; *hogano*, este anno; *enxano*, (ex-anno) cada anno; *ooyte*, hontem; *acarom*, na frente; *trementes*, (dum interim) emquanto; *entonces*, então; *de vegada*, de uma só vez; *aramá*, em má hora; *por*

ende, porém ; *ende*, ainda ; *sammicas*, por ventura ; *car*, porque ; *macar*, mau grado, *toste*, cedo.

Todas as particulas são curiosas, sob o aspecto da etymologia: *aramá* (hora mala) opposto a *embora* (boa hora). *Hogano*, *hoc+anno*. *Car* de *quare*, latino, etc.

A particula *ende* deixou um vestigio em *porém*, de *por ende* ; e mais a fórma *em* nas locuções:

Em que pése á...
(*Ende* que pése á)

Em summa, deve-se tambem considerar que o archaismo não só affecta o vocabulo material, mas tambem o sentido.

Ha, portanto, *archaismos de idéa* nos vocabulos e dizeres : uma *peça* de tempo e outros semelhantes, como : *Tanger* (referir-se) : *torto* no sentido de injustiça ou damno : *guardar* no sentido de considerar ; *conversação* no sentido de conversão ; *demanda*, no sentido de *pergunta* ; *botica*, no sentido de loja ou venda qualquer.

Ha *archaismos de orthographia* quando se escrevem palavras ao modo dos antigos : *hé*, *hum*, *ho*, *rey*, *ley*, *hir*, *athé*, etc. São archaismos graphicos.

II.—NEOLOGISMOS

Neologismos são as palavras novas creadas pelos letrados ou importadas das linguas extranhas.

Ha diversas especies de *neologismos* :

Neologismos litterarios—representam as fórmas litterarias do seculo XVI e seguintes : *seculo* (por *segre*)*macula* (por *mancha*) (1)

Neologismos scientificos—são os vocabulos formados pelos sabios e em geral compostos com radicaes gregos : *telegrapho*, *barometro*. (2)

(1) Deste assumpto tratamos especialmente na lição das *Fórmulas divergentes*.

(2) Já nos occupamos destas fórmas na lição dos *Compostos*.

Os neologismos representam os vocabulos indicativos de idéas e cousas que não possuímos e que nos trouxe a civilização moderna.

Neologismos inglezes.—*Whist, tramway, rosbife, (roast beef) redingote, club, etc.*

Francezes.—*Bouquet, soirée, matinée, étagère*

Allemaes.—*Walsa, lansquenet, kirsch, etc.*

Italianos.—*Quartteto, allegro, piano, terra-cotta, etc.*

Hespanhoes.—*Bolero, seguidilha, guerrilha, etc.*

Americanos.—*Chocolate, yankee, tapéra, jaguar, etc.*

Gregos.—Tirados directamente : *oligarchia, etymologia, democracia, etc.* Formados nos tempos modernos : *barometro, dynamometro, geologia, etc.*

Latinos.—*Pulcherrimo, ocular, objectivo, lunar, solar, etc. (1)*

Em materia de orthographia, a innovação toma o nome de *neographia*. Os neographos adoptam modos novos de graphar os termos, já seguindo a prosodia (*eizato, filozofia*) já seguindo a etymologia com exagero : *poncto, septembro, pinctor, chirurgia*.

A lingua vernacula, em relação ao latim, possui sons novos ou *neo-phonemas*; taes são o *lh* tambem existente no francez; o *x* em de *dx* ou *tx* e o *j* em vez de *tj* ou *dj*, e finalmente o som *ão* que é um idiotismo phonetico do portuguez; desconhecido, portanto, das linguas congeneres.

(1) Vide as Lições XXII, XXIII e XVIII e para maiores desenvolvimentos o *Dicc. Grammatical* do auctor.

LIÇÃO XLVI

Syntaxe e estylo

A syntaxe estuda as leis de coordenação e de disposição que têm as palavras e phrases.

A *syntaxe* estuda principios geraes, inconscientemente respeitadas, no caso commum, pela totalidade dos individuos que falam a lingua.

O estylo estuda os modos de divergencia que se notam entre os individuos na coordenação e disposição das palavras e phrases.

O *estylo* é peculiar ao individuo, ou a um grupo restricto de individuos.

Todo o homem tem um estylo, isto é, tem um modo que lhe é proprio de coordenar e dispôr a sua elocução. Não obstante, o estylo caracteristico e digno de analyse é o dos individuos mais notaveis na arte de escrever e pensar, poetas, oradores, etc., ou estylo de uma *escola* (grupo de individuos) que tem normas mais ou menos apreciaveis observadas na composição litteraria.

A possibilidade do estylo ou das divergencias no modo de falar e escrever resulta de dous factos principaes :

I. Da possibilidade innegavel de representar uma idéa ou conceito por palavras diversas. Todo autor tem um *vocabulario* ou *dicção* propria ; usa de termos a que mais se affeioou. O mesmo succede com as escolas litterarias cujo estylo se caracteriza por um vocabulario especial.

II. Da possibilidade innegavel de se construir de modos diversos uma phrase, dando-lhe ordem directa ou inversa, for-

mando proposições curtas e periodicas ou coordenando-as por meio de particulas, usando de circumloquios e de phrases equivalentes. Deste modo o estylo caracteriza-se pelas inversões, pela antithese, pela concisão ou diffusão, etc.

Assim, pois, em regra geral, as divergencias de estylo originam-se da variedade de vocabularios e da variedade de construcções syntacticas.

O *estylo*, segundo a emoção que pôde produzir, classifica-se em tres ordens :

Estylo simples.—E' o estylo caracterizado pelo emprego de vocabulos na accepção propria, e intelligivel para todos. E' o estylo proprio das narrativas vulgares, dos livros de instrucção. E' preferido para a expressão do raciocinio ou do sentimento muito brando.

Estylo temperado.—E' um estylo médio, caracterizado pelo emprego moderado de imagens ou de figuras de rhetorica. E' o estylo proprio do sentimento e da poesia.

Estylo sublime.—E' o gráo mais elevado do estylo. E' proprio das paixões violentas, do heroismo, dos assumptos épicos.

O *sublime* é um sentimento difficil de ser definido. Tanto pôde ser produzido pela riqueza e valor da elocução, como ainda pela propria simplicidade della.

O *sublime* é mais dependente da idéa do que da fórma. Por isso não ha verdadeiramente *estylo sublime*; a denominação pôde ser com vantagem substituida pela de *estylo grandioso*.

Os *estyllos litterarios* são multiplos; na litteratura portugueza pôdem-se observar nitidamente algumas fórmas da *estylistica*.

Estylo classico.—E' o estylo dos nossos melhores escriptores. Creado no seculo XVI pelos quinhentistas. Caracteriza-se pelo *latinismo* do vocabulario e da syntaxe; os termos tirados do latim nesta época são nu-

merosissimos ; e as inversões e peculiaridades da grammatica latina foram transplantadas para o portuguez. (1)

Estylo gongorico.—Conhecido sob o nome *gongorismo* (de Gongora) *marinismo* (de Marini) *cultismo* e *culteranismo* etc. Estylo da decadencia litteraria, de muito máo gosto, caracterizado por hyperboles e antitheses insensatas, repetições de palavras e circumloquios absurdos. Esteve em voga nos seculos XVII e XVIII em quasi toda a Europa.

Esse estylo é caracterizado por um abuso excessivo da fórma, e das figuras de rhetorica, muito especialmente da periphrase.

A *phoenix renascida* em Portugal representa a phase mais intensa e desordenada do gongorismo.

Não é extranho a esse estylo o de V. Hugo, no presente seculo.

Estylo contemporaneo.—Em a lingua portugueza, a litteratura do seculo XIX resente-se principalmente da influencia da ESCOLA ROMANTICA. O romantismo por intermedio de Chateaubriand, Lamartine, Hugo, imprimiu na arte da lingua um caracter novo determinado pela riqueza excessiva de imaginação e pela condemnação absoluta da immobilidade classica, dos excessivos latinismos e dos termos mythologicos. O estylo romantico é puramente christão na arte ; proscreeu a poesia dos mythos latinos e hellenicos, e procura imitar as fórmas populares e medievaes, que se notam nas composições dos *trovadores* do seculo XIII e nos romances de cavallaria.

O *estylo romantico* revolucionou completamente a arte, quebrando os moldes classicos que só admittiam como fontes artisticas as origens latinas e gregas. Por isso, o romantismo supprimiu a lei de *unidade* do drama grego, supprimiu o *Olympo e os seus deuses*, proclamou a arte *christian* e popular.

(1) Foram adoptados muitos vocabulos (Vide *Neolog.*, e *F. divergents*) os superlativos syntheticos, as inversões, etc.

Na França, alguns poetas, os *parnasianos* tentam revivescer o classicismo.

A escola nova *naturalista* aceita a reforma operada pelo romantismo, porém dá mais valor á observação dos factos do que á imaginação. A imaginação é para elles um defeito, um elemento perturbador, mas como é insupprimivel procuram attenual-a os naturalistas tornando-se *impessoaes* e, ás vezes, excedem-se dando lugar mais conspicuo ás influencias da natureza objectiva do que ás do espirito humano.

O *estyllo naturalista* em nossa lingua é uma imitação, frequentemente servil, dos naturalistas francezes : Balzac, Flaubert e, por excellencia, E. Zola. O *estyllo* é caracterisado pela maneira descriptiva, pela abundancia de adjectivação, pela repetição de adverbios com o intuito de dar uma idéa de todas as minudencias, attributos e circumstancias de um facto ou de um ser.

Tambem se classificam os *estyllos*, segundo o genero litterario em que são usados.

Taes são : os *estyllos epistolar*, o *dramatico*, o *didascalico*, o *elegiaco*, etc.

— Classificam-se os *estyllos* pelo modo de formar os periodos :

Estyllo conciso, vivo, é o que se compõe de periodos curtos e incisivos.

Estyllo diffuso, é o que é caracterisado por periodos longos ou pouco significativos.

Do que fica mencionado se póde concluir que a *syntaxe* é um processo geral e o *estyllo* um processo individual.

O *estyllo* está para a *syntaxe*, como a *prosodia* de um individuo está para a *prosodia normal* de uma lingua.

A *syntaxe* representa a fusão methodica dos *estyllos* de todos os individuos que falam a lingua, da mesma sorte que a *prosodia normal* é a resultante de todas as *prosodias individuaes*.

THEORIA

O ESTYLO SEGUNDO SPENCER E H. TAINÉ

As idéas de Spencer sobre o *estyllo* são exaradas em um dos seus mais notaveis escriptos. (1)

A linguagem de um homem ou de um povo é uma combinação de signaes. E' uma machina transmissora de idéas. Dahi se segue que o effeito desta machina fica sempre diminuido se ella fôr imperfeita e toda a perfeição e efficacia do apparelho consiste em absorver o minimo de força e produzir o maior resultado possivel para o auditor, a que se destina.

O leitor ou ouvinte gasta certa somma de energia mental para comprehender: esta somma será maior se se trata de uma machina transmissora imperfeita, dado o caso de um receptor normal (isto é, o vulgar dos leitores e auditores). De sorte que a perfeição do *estyllo* consiste em augmentar o effeito util e em diminuir tambem a inercia que toda machina consome quando funciona.

Estes resultados podem ser conseguidos de varios modos:

1. O emprego de termos vulgares e communs—poupa a energia do ouvinte.
2. O emprego de poucas palavras e de pequena extensão—poupa a fadiga mental.

Por ahi se vê que o uso de termos archaicos ou obscuros e de neologismos vicia o *estyllo*, tornando-se *campanudo*, *palavroso* e *impopular*.

O mesmo acontece com o *estyllo* guindado de vocabulos de grande extensão, salvo quando a necessidade aconselha tal uso.

O bom *estyllo* deve sempre aproveitar a energia psychica do leitor e nunca distrahil-a. De modo que os *echos*, as *rimas*, as *collisões* de letras desencaminham a attenção dos que leem ou ouvem.

(1)—*Ensaio polit. e moraes*, II.